

Editorial

Antonio é conhecido como casamenteiro, João a todos batiza, Pedro é o pilar da Igreja e José, o pai escolhido para Jesus. Em todos eles reconhecemos uma ligação estreita de fé e confiança naqueles que fazem com que se congreguem os fiéis, seja em torno de uma fogueira, seja recolhido em prece ou tentando obter favores em troca de suas penitências. Recordamos que José sempre serve de exemplo por partilhar da educação do valioso filho, mas não nos esqueçamos das preces feitas em busca de milagres e que, na verdade fazem com que tantas pessoas se quedem em prece - panacéia espiritual do mundo! Seja qual for o motivo, desde que positivo e, talvez até, com intenção de beneficiar a outro, a prática do recolhimento para orar é sempre benéfica e nossos irmãos espirituais superiores aproveitam estes momentos para nos trazer intuições importantes na gerência de nossas vidas. A parte da alegria que nos causa recordar o que se conta a respeito desses iluminados amigos, sempre é importante criar oportunidades para uma comunhão de nossos pensamentos em prol de uma humanidade mais consciente de suas responsabilidades para com os semelhantes, inclusive não soltando balões ou promovendo desmandos por culpa de excessos no comer ou no beber. Salve o mês de junho e suas festas!

Nilo Mattoso

CALENDÁRIO DE REUNIÕES, EVENTOS E ATIVIDADES DO MÊS

Reuniões Públicas:

Terças	tarde	13:00	Passes, Desobssessão
Quintas	noite	19:00	Passes, Desobssessão

Reuniões Privadas:

Segundas	noite	20:00	Atendimento Especial
Terças	noite	20:00	Socorro aos Viciados
Quintas	tarde	14:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina
Sextas	noite	19:00	Escola de Médiuns e Estudo da Doutrina

PRECE DE CARITAS

Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai força àquele que passa pela provação, dai luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!

Deus, Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai, Dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, e ao órfão o pai!

Senhor, que a Vossa Bondade se estenda sobre tudo o que criastes. Piedade, Senhor, para aquele que Vos não conhece, esperança para aquele que sofre. Que a Vossa Bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte a paz, a esperança e a fé.

Deus, um raio de luz, uma centelha do Vosso Amor pode abrasar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

E um só coração, um só pensamento subirá até Vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós Vos esperamos com os braços abertos, oh Poder!, oh Bondade!, oh Beleza!, oh Perfeição!, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa Divina Misericórdia.

Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Imagem.



A VOZ DE CATARINA

Publicação Mensal da Casa de Catarina - Junho de 2009
Rua Visconde de Figueiredo, 79 - salão 103 - Tijuca - Rio de Janeiro
www.casadecatarina.org.br - casadecatarina@yahoogrupos.com.br

Humildade do silêncio denota elevação do espírito

Rogério Coelho

Kardec deixou assentada de maneira clara e insofismável a questão da natureza biológica do Mestre Jesus ao afirmar: *“Desde o Seu nascimento até à Sua morte, tudo, em Seus atos, na Sua linguagem e nas diversas circunstâncias da Sua Vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. Depois de Sua morte, ao contrário, tudo Nele revela o Ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.*

Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais: Se as condições de Jesus, durante a Sua Vida, fossem as dos seres fluídicos, Ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-Lhe o mérito da Vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo Nele fosse aparente, todos os atos de Sua Vida, a reiterada predição de Sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, Sua prece a Deus para que Lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, Sua paixão, Sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro.

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e (depois de Sua morte) um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que Lhe assinalaram a existência”.

Só mesmo o apoucamento intelectual existente na Idade Média poderia admitir a intervenção do “Espírito Santo” para engravidar Maria, Sua mãe!. Tal teoria, tinha como escopo criar uma mística em tomo da figura de Jesus.

Nosso confrade João Cuin, num extraordinário artigo, escreveu: *“(...) José, esposo de Maria, Espírito Superior, tão superior quanto o de Maria, quem sabe, até mais, e que encarnou igualmente com missão específica, ficou esquecido e apagado na memória do povo. Mesmo as poucas referências que a ele são feitas só se verificam por causa de Maria, isto é, só para enaltecer a genitora carnal de Jesus...”*

Palavras de Kardec (O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XIV, item 7, § 3°): *“(...) Deve-se convir que Maria, a mãe de Jesus, não fazia idéia muito exata da missão do Filho, pois não se vê que Lhe tenha nunca seguido os ensinamentos, nem dado testemunho dele, como fez João Batista ...”*

Podemos, enaltecer Maria, a meiga mãezinha de Jesus, sem esquecer a personalidade ímpar de José. Maria não fica menor e menos veneranda por ser vista na posição de esposa e mãe. E preciso respeitar a mulher, em qualquer situação em que esteja e em toda posição que ocupe no mundo, reconhecendo e honorificando sua condição de tutora da Vida na Terra!

Em belíssima página de Emmanuel que me foi ofertada pelo confrade Edison Mega, o nobre mentor de Chico Xavier narra o seguinte, sobre esse Espírito de escol que foi José da Galiléia, sem sombra de dúvida: o pai biológico de Jesus:

“Em geral, quando nos referimos aos vultos masculinos que se movimentam na tela gloriosa da missão de Jesus, atendemos para a precariedade dos seus companheiros, fixando, quase sempre, somente o derradeiro quadro de Sua passagem pelo mundo. É preciso, porém,

observar que, a par de beneficiários ingratos, de ouvintes indiferentes, de perseguidores cruéis e de discípulos vacilantes, houve um homem integral que atendeu a Jesus hipotecando-lhe o coração sem mácula e consciência pura.

José da Galiléia foi um homem tão profundamente espiritual que seu vulto sublime escapa às análises limitadas de quem não pode prescindir do material humano para um serviço de definições.

Já pensaram no Cristianismo sem ele? Quando se fala excessivamente em falência das criaturas, recordemos que houve tempo em que Maria e o Cristo foram confiados pelas Forças Divinas a um homem. Entretanto, embora honrado pela solicitação de um anjo, nunca se vangloriou de dádiva tão alta! ...”

Não obstante contemplar a sedução que Jesus exercia sobre os doutores, nunca abandonou a sua carpintaria. O mundo não tem outras notícias de suas atividades senão aquelas de atender às ordenações humanas, cumprindo um édito de César e as que no-lo mostram no templo e no lar, entre a adoração e o trabalho ... Sem qualquer situação de evidência, deu a Jesus tudo quanto podia dar.

A ele deve o cristianismo a porta da primeira hora, mas José passou no mundo dentro do divino silêncio de Deus.

A Casa de Catarina precisa de sua apoio, torne-se sócio contribuinte e ajude a manter as casa e as obras sociais e a ajuda a outras entidades

Festas Juninas

O dia dedicado a São João, 24 de junho, faz parte de um ciclo de festividades que se inicia no dia 13 de junho, dia de Santo Antônio e termina a 29 do mesmo mês, com a Festa de São Pedro.

Esse período, cujas festas têm no fogo o seu elemento mais representativo, está historicamente relacionado com as celebrações do solstício de verão na Europa e com os cultos devidos aos deuses da fecundação. Com ritos de fogo, comemorava-se a aproximação das colheitas, ao mesmo tempo em que se pedia aos deuses a proteção contra os demônios da peste, esterilidade e estiagem.

Todos os antigos povos da Terra celebravam, em meados de junho, os fogos em honra ao sol. Eram sempre dias festivos, quando os seres humanos cantavam hinos de louvor e faziam os seus pedidos. As pessoas jovens e crianças dançavam em volta das fogueiras, enquanto os mais velhos cantavam em coro canções de agradecimento. E, com o passar dos tempos, a igreja não podendo agir de outra forma, resolveu associar esses festejos aos seus feriados.

Ainda não existiam os fogos de artifício, mas desde então as fogueiras já representavam uma obrigação e tradição nas comemorações das festas juninas. Costumeiramente altas, elas serviam como um termômetro para que os advinhos pudessem dizer do tempo que faria durante o outono, a época das colheitas. Conforme a direção que o vento soprasse a fumaça das enormes fogueiras, o tempo futuro seria propício ou não para a boa colheita.

No Brasil, as festas juninas vieram juntamente com os portugueses e espanhóis católicos e sofreram muitas influências também dos africanos, em especial dos moradores das Ilhas dos Açores, que incluíram muito de folclore nas comemorações religiosas de en-



ção. Com as tradições europeias, as festas juninas passaram a ganhar algumas características próprias depois que foram plantadas no território nacional. Coincidentemente, nesta época do ano, as pinhas maduras dos pinheiros brasileiros deixam cair no chão o pinhão pronto para ser consumido e isso foi aliado a época da colheita da batata doce, milho e outros artigos consumidos ao redor das fogueiras.

O traje caipira e o casamento, tão comuns em qualquer festa junina, tem sua explicação. O primeiro, na tradição brasileira e o segundo acompanhou a chegada dos portugueses e africanos no Brasil. Copiou-se do cabloco o modo de vestir-se, andar e falar. A tradição do casamento vem de outros continentes, pois o mês de junho representa para aqueles povos a abundância em época de início de colheita. Os pais podiam promover grandes festas no casamento de seus filhos, e já uniam os dois moços comemorando o casamento e homenageando Santo Antônio, São João e São Pedro, com fogueiras, danças e outras características das festas juninas.

Muitas organizações espíritas realizam as suas festas como forma de confraternização, diversão e principalmente com o objetivo de angariar produtos e capital para suas obras de caridades

Fonte: Apostila da FEP (Federação Espírita Paranaense) - 1992

Casamento Espírita

O Espiritismo é uma doutrina filosófico-religiosa, com aspectos científicos e conseqüências éticas e morais, mas não se constitui numa estrutura clerical formalizada. Desta forma, diferente de outras correntes religiosas, não comporta em suas práticas nenhum cerimonial, rito, ou aspecto específico ligado ao casamento. Ou seja, não há cerimônia de casamento religioso espírita.

Por muitas razões, não há espaço no universo doutrinário para a celebração de um “casamento religioso espírita”, até porque, se o Espiritismo tem seu pilar religioso é, porém, destituído de rituais ou formas de culto exterior, incompatível com a celebração da cerimônia ritualizada do casamento.

Muitos ingressam para as hóstes do Espiritismo e logo se sentem tentados a enxertar os seus hábitos à realidade doutrinária. Há, por isso, os que pretendem ter um batismo espírita; há aqueles que aguardam ansiosamente por realizar um casamento espírita entre outros.

Existem aqueles que forçam o caminho “legal”. É importante aguçarmos a vigília até porque “tentar utilizar o Poder Judiciário para chancelar a celebração de “casamento religioso espírita”, como ato autêntico do Espiritismo, “seria violar a liberdade de crença protegida constitucionalmente dos adeptos do Espiritismo, ao impor ou chancelar pelas vias judiciais um ritual que não é admitido em hipótese alguma dentro do Espiritismo codificado por Allan Kardec.”

A propósito! Um presidente de centro espírita pode ser investido na qualidade de autoridade religiosa ou sacerdotal espírita?. Bem! Se segue a coerência dos postulados espíritas, não pode ser investido na qualidade de autoridade religiosa ou sacerdotal. A noção de autoridade supõe a existência de hierarquia religiosa entre seus adeptos ou entre as instituições espíritas, o que não é aceitável.

Precisamos admitir que não é possível ser espírita e, ao mesmo tempo, esposar princípios contrários ao Espiritismo. Vamos pela lógica: “crê no fogo do inferno e outros dogmas irreconciliáveis com o Espiritismo, evidentemente não é espírita. Quem assim ainda pensa pode ser simpatizante, mas não é adepto da doutrina.”

Aos fatos supracitados, não queremos radicalizar e afirmar que o espírita não possa realizar uma reunião social fraterna para o evento. Em lugar do sacerdote, terá um amigo que realizará uma prece em favor do casal e, em lugar da Igreja, utilizará os espaços do lar, ou um local adequado para reunir os amigos e familiares. Não deve, em hipótese alguma, utilizar as instalações do centro espírita.

Tudo é uma questão de lógica doutrinária.

Por: Jorge Luiz Hessen